

Zero em Ciências causa polêmica entre professores

LEILA SOARES

Quando foram divulgados os primeiros resultados das correções das provas da segunda etapa do Vestibular Unificado, um dado novo ficou evidente: a maior parte dos candidatos que fizeram prova de Ciências tirou zero. Questões em branco ou integralmente incorretas alarmaram professores, alunos, donos de instituições de ensino e até o Cesgranrio. Dos candidatos que fizeram prova de Matemática, 87,78 por cento tiraram zero, mesma nota dada a 84,5 por cento dos que se submeteram ao exame de Física. Em Química, esse percentual passou para 76,1 e em Biologia atingiu 58,9.

O fato gerou polêmica e abriu novas discussões no meio acadêmico: para uns, a catástrofe do zero é resultado de um ensino de má qualidade na maioria das escolas brasileiras. Para outros, o Cesgranrio agiu de forma apressada, deixando apenas um espaço de seis meses para que os alunos, acostumados a lidar com questões objetivas desde o primeiro ano do Segundo Grau, se deparassem com questões discursivas. Discordâncias à parte, há uma unanimidade no meio acadêmico: a necessidade de se discutir e aprofundar a situação da educação no Brasil.

O Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Rio de Janeiro, Paulo Sampaio, acha que enquanto são postos em discussão assuntos de menor importância, vai ficando de lado o debate sobre como ensinar. Os resultados negativos nas questões de Ciências são, em sua opinião, uma prova de que o aluno não estava preparado para responder a questões discursivas dessas matérias, pois não conseguiu tempo para isso:

— Basta ver a diferença quando a discursiva vem em matérias como História, Geografia e Português, onde há uma preparação maior no sentido dissertativo — lembra.

Sampaio criticou o Cesgranrio pela mudança do método de maneira tão rápida e, embora a favor da manutenção de questões dissertativas, garantiu que se estas viessem a ser utilizadas só no Vestibular de 1990, os alunos se preparariam melhor e o resultado certamente seria diferente.

Esse não é o pensamento do Presidente da Fundação Cesgranrio, Carlos Alberto Serpa. Segundo ele, nos outros vestibulares as questões objetivas davam uma abertura maior para o chamado "chute", enquanto na dissertativa esta possibilidade se reduz:

— A média dos outros vestibulares foi 2, o que representa um número baixíssimo. Este ano, o zero equivale às mesmas médias obtidas em anos anteriores, pois tiramos do aluno a chance de fazer a cruzinha no lugar certo sem saber a questão. Isso ficou flagrante.

Segundo Serpa, os zeros na área de Ciências mostram que o ensino dessas matérias está desvinculado da realidade e é feito atualmente em cima de apostilas e textos defasados,

sem que o aluno seja instado a saber o porquê do que está estudando. Para Serpa, o método de ensino em Ciências não leva em conta o mais importante, que é a relação dessas matérias com o próprio dia-a-dia.

A introdução de questões discursivas no Vestibular foi considerada boa por todos. Para o Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Horácio Macedo, as provas deveriam ser integralmente discursivas:

— Isso, além de permitir um processo de aferição do conhecimento do aluno, influenciará o ensino do Segundo Grau a ser um processo de aprendizagem consciente — diz ele. O professor Horácio, que sonha em fazer na UFRJ um vestibular semelhante ao existente em Campinas, com provas dissertativas, acha que o resultado catástrofico do Unificado-87 mostra uma faléscia no ensino do Segundo Grau em todo o País, que não desenvolve o raciocínio do aluno e o limita a responder tudo de maneira apenas objetiva.

A questão do ensino do Segundo

Grau é vista sob outro prisma pelo Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino, Paulo Sampaio. Paulo diz que atualmente o aluno cobra do professor que lhe ensine aquilo que cairá no Vestibular e sempre pela forma mais simplificada possível. Andréia Azevedo, segunda colocada na primeira fase do Vestibular deste ano, é a favor de um ensino abrangente, que não limite o aluno e diz o motivo:

— Sempre estudei todas as matérias utilizando testes de múltipla escolha e também discursivos. Aprendi em minha escola, o Colégio Pedro II, desde o Primeiro Grau, a saber escrever o meu pensamento e a raciocinar de maneira ampla. Por este motivo, não tenho queixas da prova discursiva e para mim o mesmo trabalho que tive para resolver as questões objetivas e chegar a uma resposta tive para escrever a dissertação de Química e Biologia. Minha crítica é uma só: o tempo foi curto. Se para mim foi difícil responder em quatro horas questões obje-

vas mescladas com discursivas, eu imagino para quem não foi preparado — .

O Reitor Horácio Macedo revelou que o impacto do aluno preparado apenas para "passar no Vestibular marcando cruzinha" é muito grande quando este candidato chega à Universidade e se depara com outra realidade. Segundo dados, no primeiro ano de faculdade é grande o número de estudantes reprovados, o que mostra que o estudante não teve o conhecimento amplo das questões.

O professor Ney Suassuna, Diretor do Colégio de Primeiro e Segundo graus Anglo Americano, acha que o Vestibular, como é montado, deve traduzir o treinamento que foi dado ao aluno durante seu período escolar e se os resultados do concurso foram negativos, é porque houve falha nesse treinamento:

— A culpa não é do aluno, pois ele deve ser preparado desde os primeiros anos de sua vida escolar e não "massacrado" no último ano do Segundo Grau — diz.

